

A CAPA DA INVISIBILIDADE ENVIESADA NAS RELAÇÕES RACIAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Vagner Aparecido de Moura

Bolsista Doutorado do CNPq do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais pela PUC-SP e Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Graduando em Ciências Sociais pela UNIFESP, Graduado em Informática com Ênfase em Gestão de Negócios pela UNESP, em Letras pela UNICID, em História pela UNIMES e em Gestão de Negócios Internacionais pela UNINOVE. E-mail: moura_vagner@ig.com.br.

Resumo

No dia 30 de março de 2011, deparei-me, por intermédio dos meios de comunicação: internet, rádio, TV, revistas, com o ato enunciativo do deputado Jair Bolsanaro¹ *“Preta, não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco e meus filhos foram muito bem educados. E não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu”*, utilizado pelo deputado para contestar a seguinte argüição proferida pela cantora Preta Gil: *“Qual seria a reação dele se seu filho se apaixonasse por uma negra”*. Esse contexto nos impele, por meio de um embasamento teórico Guimarães (2004), Freyre (2006), Ramos (2002), Munanga (2004), discutir, em um primeiro momento, o mito da democracia racial, mídia e racismo no Brasil, estereótipo da mulher negra na sociedade brasileira e identidade cultural do afro-brasileiro, por um viés histórico e antropológico com a finalidade de analisar, por intermédio dos princípios da análise discursiva francesa, o discurso do deputado e os seus desdobramentos no cenário brasileiro.

Palavras-chave: Racismo; Discurso; Identidade; Mídia

Abstract

On the 30th March 2011, I came across through the media: internet, radio, TV, magazines, the act of speech of Mr. Jair Bolsanaro *“Preta, I’m not going to discuss promiscuity with anyone. I don’t run that risk and my children were very well educated. And I didn’t live in an environment as is unfortunately yours”*, used by deputy to contest the following question made by singer Preta Gil. *“What would be his reaction if his son fell in love with a black woman?”* This context lead us through a theoretical embasement by Guimarães (2004), Freyre (2006), Ramos (2002), Munanga (2004), discuss, at first, the myth of racial democracy, media and racism in Brazil, stereotype of black women in brazilian society and cultural identity of African-brazilian, by a historical and anthropological bias in order to analyze, through the principles of french discourse analysis, the speech of the deputy and his development in the brazilian scene.

Keywords: Racism; Discourse; Identity; Media

Considerações iniciais

Estou farto do lirismo comedido,
Do lirismo bem comportado,
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço do sr.diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo...

Manuel Bandeira

Dando continuidade ao excerto de Manuel Bandeira, estou farto de minha atitude blasé de vivenciar, na sociedade contemporânea, cosmopolita, multifacetada em termos étnico e cultural, a “pseudo” democracia política e racial, a ausência de criticidade dos transeuntes que me cercam na ruelas do centro de São Paulo ou em grande avenidas, “engarrafadas” pelo caos do trânsito de São Paulo. Ao sentir-me preso aos pseudo-valores, construídos socialmente, e ao caos do trânsito de São Paulo, no dia 28 de março de 2011, sou impelido a ter um contato mais intrínseco com o meu ser que suscita uma reflexão: *“Ao circular pela cidade, percebi que o ar me sufoca, as pessoas me contaminam com suas falsas ideologias, amores e perspectivas. Sentir esse mal estar, provoca um desequilíbrio que nos leva a repensar acerca dos nossos anseios/realidade. A oposição realidade/anseios é um duelo dialético que se mantém em constante mutações que, às vezes, chega um choque anafilático”* (grifos meus).

Tais elucubrações são oriundas do fato de que o homem, de acordo com Simmel (2005, p.578), “é um ser que faz distinções, isto é, sua consciência é estimulada mediante a distinção da impressão atual frente a que lhe precede”. Por outro lado salienta que

as impressões persistentes, a insignificância de suas diferenças e regularidades habitual de seu transcurso e de suas oposições exigem por assim dizer menos consciência do que a rápida concentração de imagens por em mudanças, o intervalo ríspido no interior daquilo que se compreende com um olhar, o caráter inesperado das impressões que se impõem. (SIMMEL 2005, p.578).

Ademais, para alguns transeuntes que circulam pela cidade de São Paulo a consciência do homem “carrega um tão pesado fardo de horror que só no tumulto consegue libertar-se dele”, visto que a consciência crítica e reflexiva causa inquietações em nossa existência e assim desestabiliza o pseudo mundo das “certezas”. Nesse estádio, arraigado de instabilidade suscitada pela lucidez e pela criticidade a despeito dos questionamentos acerca dos fatos que nos cercam no cotidiano, deparei-me, por intermédio dos meios de comunicação: internet, rádio, TV, revistas, no dia 30 de março de 2011, com o ato enunciativo do deputado Jair Bolsanaro³ “Preta, não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco e meus filhos foram muito bem educados. E não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu”, utilizado pelo deputado para contestar a

seguinte argüição proferida pela cantora Preta Gil: “Qual seria a reação dele se seu filho se apaixonasse por uma negra”.

Esse contexto impele-nos, por meio de um embasamento teórico Guimarães (2004), Freyre (2006), Ramos (2002), Munanga (2004), discutir, em um primeiro momento, o mito da democracia racial, mídia e racismo no Brasil, estereótipo da mulher negra na sociedade brasileira e identidade cultural do afro-brasileiro, por um viés histórico e antropológico com a finalidade de analisar, por intermédio dos princípios da análise discursiva francesa, o discurso do deputado e os seus desdobramentos no cenário brasileiro.

Mito da democracia racial

A ideia de um país sem uma linha de cor “deu origem à construção mítica de uma sociedade sem preconceito racial ou discriminação”. (GUIMARÃES, 2003).

Eminentes teóricos como Gilberto Freyre e Donald Pierson descreveram, em suas obras, a existência de uma reciprocidade simbiótica entre os grupos étnicos no Brasil colônia e um sistema de melhoramento, onde os negros poderiam tornar-se brasileiros. Deve-se frisar que esses e outros teóricos, que perpassam a história, escreveram acerca de raça e relações raciais no Brasil são homens brancos e, por isso, podemos considerar que suas análises, conforme Rousseau e Reese (2009, p.116), “são enviesadas e carregam em si um viés potencialmente propagandista”. Na verdade, a obra desses autores suscita concepções que analisam as condições sociais de maneira que tendem a classificar os afro-brasileiros como “outros”, enquanto defendem/asseveram que não existe raça no Brasil.

Em detrimento do pensamento generalizado de que o Brasil criou uma democracia racial, em virtude da presumida inexistência de uma linha de cor no país, os brasileiros são, na verdade, “diferenciados e definidos pela sociedade com base na tonalidade de sua pele, tal como em países que também foram colonizados por portugueses, como Cabo Verde na África”. (ROUSSEAU E REESE 2009, p.119). Sob a rubrica da democracia racial, os grupos dominantes, no Brasil, perpetuam e legitimam o racismo, segundo Leone, Roche e Barbiarz (2005, p.589), “nos níveis local e estadual ao identificar diferenças e justificar a desigualdade como algo cultural e econômico em vez de racial”. Leone, Roche e Barbiarz (2005, pp.589/590) ressaltam que “a democracia racial constroi um tipo de racismo que desconhecido e despercebido por muitos brasileiros e contra o qual é difícil de lutar, na medida em que ele tenta apagar a cor da pele como um significante social”.

A democracia racial, na contemporaneidade, é posta em xeque, no entanto, existe uma ampla defesa a seu favor. Rousseau e Reese (2009, p.122) argumentam “que a ideia da democracia racial está tão arraigada na cultura brasileira que muitos simplesmente des-

prezam, o fato de que racismo existe”. Tais pessoas optam por simplesmente assumir o que cognominamos a capa da invisibilidade, esta possibilita ao cidadão esconder inclusive de si mesmo a sua real condição no continuum racial de cores.

É relevante apontar que essa ambigüidade racial permite ao cidadão continuar, psicologicamente, invisível para si mesmo de maneira a ignorar as diferenças sociais, construídas com base na aparência. Esse processo impele o cidadão a não perceber, segundo Rousseau e Reese (2009, pp.122/123), “fatos presentes na maioria das sociedades, especificamente os relacionados às hierarquias nas distinções de raça e classe”.

Por conseguinte, pode-se inferir que a democracia racial, enviesada pela capa da invisibilidade, “tornou-se a fachada de uma cegueira articulada nacional em relação às diferenças raciais no Brasil”. (ROUSSEAU E REESE 2009, pp.122/123). Esse contexto implicou aos negros brasileiros a ausência de liberdade, de reconhecimento da sua condição em relação à nacionalidade brasileira, uma vez que os negros sofrem os antagonismos de um racismo escamoteado, à medida que são motivados/estimulados a refutar, a desprezar e a não reconhecer sua origem e seu pertencimento étnico-racial, ao mesmo tempo em que sofrem o racismo. Juntamente a essa construção ideológica da democracia racial, o Brasil, ao pretender substituir a identidade racial por uma cultura nacional, “falhou em erradicar o racismo e logrou envergonhar, corromper e oprimir a cultura afro-brasileira”. (ROUSSEAU E REESE 2009, p.135).

Além disso, o mito da democracia racial, conforme Munanga (2004, p.25), bloqueou, durante anos, o debate acerca das políticas de ação-afirmativa e, paralelamente, “o mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça (nacional) atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro” (Munanga, 2004, p.25).

Mídia e racismo no Brasil

Discutir as dinâmicas da mídia perante as questões de raça e etnicidade é, em grande medida, discutir as matrizes do racismo no Brasil. (RAMOS, 2002, p.07)

Segundo Ramos (2002), o espaço mediático desempenha um papel fulcral na produção e manutenção do racismo, por intermédio dos meios de comunicação, particularmente dos meios de massa: televisão, rádio e internet, lócus em que as desigualdades raciais são naturalizadas, banalizadas e várias vezes racionalizadas. Ramos (2002, p. 08) salienta que “em que grande medida, por meio da mídia de massas as representações raciais são atualizadas e reificadas. E dessa forma ‘coisas’ circulam mais ou menos comuns a toda a sociedade e como ideias mais ou menos sensatas”.

Nesse simulacro de naturalização, banalização das relações raciais no Brasil, cabe a nós – cidadãos afro-brasileiros – sermos cômicos de que o racismo, de acordo com Munanga (2004), na sociedade contemporânea, não prescinde mais do conceito de raça ou da variante biológica, visto que o racismo reformula-se alicerçado nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, não obstante, as vítimas são as mesmas de outrora e as raças de outrora são as etnias de hoje. Munanga pondera que:

o que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intacto. E por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e antirracistas. Constituem uma bandeira carregada para todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses. (MUNANGA, 2004, p. 30)

Tal jogo de interesse possibilita-nos a observar, na sociedade brasileira contemporânea, que o racismo manifesta-se, geralmente, em conjunturas de forte desigualdade hierárquica que engendra, de acordo com Guimarães (2004), uma combinação de discriminação com base nos estereótipos mais irracionais juntamente com as desigualdades sociais extremas que legitimam a rubrica característica ao nosso sistema de relações raciais que favorece a invisibilidade de sua própria natureza perversa. Guimarães (2004, p.13) assevera que “a discriminação em nosso país vem sempre acompanhada pela arbitrariedade e pela violência aos mais elementares direitos de cidadania”.

Estereótipo da mulher negra na sociedade brasileira

O estereótipo parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo. Conheci um gordo que era preguiçoso, um judeu desonesto e um negro ignorante, por exemplo, e generalizo, afirmando que “todo gordo é preguiçoso, todo judeu é desonesto e todos os negros são inferiores aos brancos”. (BERND, 1984, p. 11)

Segundo Bernd (1984, p.11), “a construção do estereótipo pode se dar por ignorância ou quando há um objetivo de dar como verdadeiro algo que é falso, com a finalidade de tirar proveito da situação”. Pode-se corroborar a assertiva de Bernd, ao observarmos na história do Brasil, a construção do estereótipo da mulher negra como promiscua, lasciva para justificar o erotismo, a luxúria, a depravação sexual dos portugueses. Justifica-se essa assertiva, ao notarmos que Gilberto Freyre (apesar de defender a democracia racial no Brasil e de ser relativista em suas posições) em sua obra *Casa-Grande Senzala*, tenta desmistificar o estereótipo da mulher negra postulando que:

a ideia vulgar de que a raça negra é chegada, mais do que as outras a excessos sexuais, atribui-a Ernest Grawley ao fato do temperamento expansivo dos negros e do caráter orgiástico de suas festas criarem a ilusão de desbragado erotismo. Fato que “indica justa-

mente o contrário”, demonstrando a necessidade, entre eles, de “excitação artificial”. Havlock Ellis coloca a negra entre as mulheres antes frias do que fogosas: “indiferentemente aos refinamentos do amor”. (FREYRE 2006, p.398)

E complementa que

não eram as negras que iam esfregar-se pelas pernas dos adolescentes louros; estes é que, no sul dos Estados Unidos, como nos engenhos de cana do Brasil os filhos dos senhores, criavam-se desde pequenos para garanhões. Ao mesmo tempo que as negras e mulatas para “ventres geradores”. “Slaves women were taught”, escreveu Calhoun, “that it was their duty to have a child once a year, and that it mattered little who was the father”. (FREYRE 2006, p.461)

Entretanto, na contemporaneidade, permanece na mídia brasileira os resquícios do constructo cultural legitimado pelas autoridades do nosso país que reafirmam as memórias de uma classe dominante do período que autodenominava as mulheres como objetos sexuais e reprodutoras de mão-de-obra para os engenhos de açúcar. Tal legitimação ocorre pela vinculação excessiva das mulheres negras na época do carnaval e em folder de turismo, feitos pelas agências de viagens ou de publicidade para divulgar os prazeres da cultura brasileira e pela mídia das telenovelas que reforça os aspecto servil das mulheres negras na sociedade, desta maneira, podemos depreender que “os meios de comunicação são, por assim dizer, um caso-modelo de reprodução das nossas relações raciais”. (RAMOS 2002, p.08)

O corpo, nesse contexto, deve ser compreendido, por meio de uma perspectiva antropológica, pois possibilita-nos compreender o significativo corpo para além de sua fisicalidade orgânica e plástica, mas sobretudo “como uma construção cultural, sempre ligado a visões de mundo específicas. As singularidades culturais são dadas também pelas posturas, pelas predisposições, pelos humores e pela manipulação de diferentes partes do corpo”. (GOMES 2011, p.11)

Identidade cultural do afro-brasileiro

Identidade cultural constroi-se com base na tomada de consciência das diferenças provindo das particularidades históricas, culturais, religiosas, sociais, regionais, etc.. delineiam-se assim como Brasil diversos processos de identidade cultural, revelando um certo pluralismo tanto entre negros, quanto entre brancos e entre amarelos, todos tomados como sujeitos históricos e culturais e não como sujeitos biológicos ou raciais (MUNANGA 2004, p.32)

Segundo Gomes (2011) a identidade cultura do afro-brasileiro, na sociedade contemporânea multifacetada em termos étnico-racial, deve ser compreendida como um pro-

cesso construído historicamente e, por isso, deve-se atentar ao fato de que nossa sociedade padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Gomes (2011, p.03) assevera que “como qualquer processo identitário, ela se constrói com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo”. Jacques d’Adescky (2001) salienta que a identidade para se compor como realidade prescinde de uma interação, visto que a ideia de que o negro faz de si mesmo, do seu interior – eu – é mediada pelo reconhecimento auferido pelos outros em decorrência de sua ação.

Nesse processo de mediação, a linguagem exerce um papel imprescindível. Foucault (1986) consciente da importância da linguagem propõe, em sua obra *Arqueologia do poder*, o termo modalidades discursivas com a finalidade conceptualizar as maneiras sob as quais a linguagem aparece em espaços e épocas, possibilitando-nos a argüir os seguintes questionamentos: quem pode falar? de que lugar fala? que relações estão em jogo entre, de um lado, a pessoa que está falando e o objeto do qual ela fala e, de outro, aqueles que estão sujeitos à sua fala? – já que a linguagem não pode ser reduzida a categorias lingüísticas. Foucault ressalta que tais indagações não têm a finalidade de unificar o sujeito nem construí-lo como uma sequência de seus efeitos, mas “trata-se de uma questão dos diversos status, dos diversos lugares que devem ser ocupados em regimes particulares para que algo se torne dizível, audível, operável” (FOUCAULT, 1986, p.61). Por conseguinte, as relações entre os signos são sempre reunidas no interior de outras relações.

Por esse viés, podemos depreender que a construção da identidade da cultura afro-brasileira, não recebe sentido pelo discurso, mas é inteiramente constituído pelo discurso, o qual é enviesado por relações de poder, por conflitos, por tensões que implicam a população negra brasileira a construção de uma identidade fragmentada vivida pelo negro, uma vez que, ao longo da história, as classes dominantes sempre manipularam as relações raciais no Brasil, com a finalidade de apagar os sinais diacríticos da cultura negra: língua, território, cultura no processo de formação da sociedade brasileira.

Análise do Corpus

No dia 30 de março de 2011, deparei-me com o gênero entrevista. De acordo com Melo (1985, p.49), entrevista é “um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade”.

Situando o corpus

Entrevistadora (Preta Gil): Qual seria sua reação se seu filho se apaixonasse por uma negra?

Entrevistado (Deputado): Preta, não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco e meus filhos foram muito bem educados. E não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu.

Partindo da premissa que ambos se constituem como sujeitos do discurso como seres heterogêneos, clivados, divididos, em virtude de que o eu perde sua centralidade, deixando de ser o senhor de si, uma vez que o desconhecido – o outro / inconsciente – passa a fazer parte de sua identidade. Logo, “o sujeito é um sujeito descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o eu e outro” (MUSSALIM 2003, p.134). Nesse embate, as falas dos interlocutores perpassam pelo interdiscurso no momento da cenografia, possibilitando ao analista do discurso desvelar o ethos dos enunciadores no momento do ato enunciativo.

Deve se ressaltar que essa premissa é imprescindível, porque não partiremos da premissa de que formação discursiva de origem (classe social, partido político) está atrelada a Preta Gil e ao deputado Jair Bolsanaro, visto que a análise tornar-se-ia restrita e perderia sua heterogeneidade constitutiva no discurso, porque temos consciência de que o lugar que o enunciador ocupa leva-nos a compreender, de acordo com Mussalim (2003, p.133), como uma “representação de traços de determinado lugar social que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali”, deste modo, estaria sendo analisado um discurso onde o sujeito é dominado por uma determinada formação ideológica que pré-determina as possibilidades de sentido do discurso em análise, ao contrário, o nosso objetivo é buscar o sentido da formação discursiva que se constrói no momento da enunciação (sendo cômico de que todo discurso é permeado por escolhas, por coerções e por relações de poder que não impedem o sujeito de se posicionar no discurso) possibilitando-nos não só compreender a heterogeneidade constitutiva que perpassa a entrevista, mas também desvendar o ethos que se constitui no ato enunciativo.

A entrevista é um momento em que o entrevistador usa sua intencionalidade para desnudar o subjacente da personalidade de seu entrevistado, Preta Gil não fez diferente, uma vez que seu questionamento “qual seria a reação se seu filho se apaixonasse por uma negra?” foi ao encontro de uma problemática vivenciada pela população negra: o preconceito, a discriminação a despeito das relações inter-raciais, apesar de um ser um país que se valorize a miscigenação e, ao longo da história, usa o invólucro da “democracia racial”.

O ato enunciativo do interlocutor é iniciado por um vocativo, com a finalidade de asseverar sua relação de superioridade, visto que em seguida utiliza um advérbio de negação que impossibilita qualquer negociação no embate em questão ao dizer “não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja”. Nesse momento, observa-se que essa frase é perpassada por um discurso que reafirma o constructo cultural da promiscuidade da mulher negra, construída no século XIX, pelos portugueses para justificar sua depravação e luxúria. Segundo Mainguenu, essa interpretação é possível, já que não buscamos marcas lingüísticas e tampouco apreender sequências delimitadas que demonstram claramente sua alteridade, mas uma heterogeneidade constitutiva “que amarra, em uma relação inextricável, o mesmo do discurso e seu outro” (MAINGUENAU, 2004, p.33) em um processo permeado pelo interdiscurso.

O deputado Jair Bolsanaro para manter sua legitimidade de superioridade e reafirmar sua posição diz “Eu não corro esse risco e meus filhos foram muito bem educados”, novamente utiliza o advérbio de negação com a intencionalidade de sucumbir qualquer refutação e para manter um certo distanciamento da entrevistadora, já que ressalta que “não corro esse risco”, subentende-se que pertence a uma classe social dominante que legitima a sua posição em relação ao imaginário da promiscuidade da mulher negra e de sua inferioridade em termos econômico, social e educacional, ao concluir a frase dizendo que “meus filhos foram muito bem educados”, este excerto deixa de forma inteligível a perversidade de que o mito da democracia racial engendrou, em nosso país, o bloqueio do debate sobre as políticas de ação-afirmativa e paralelamente, do mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça (nacional), que segundo Munanga (2004, p.25), “atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro”. Essa assertiva é corroborada com o fato de que o afro-descendente ainda encontra dificuldades para se manter no ambiente escolar desde a o ensino fundamental até o ensino superior, apesar do pequeno progresso com a política de ação afirmativa nas Universidades Federais.

O deputado insiste até o final da entrevista em manter seu posicionamento de superioridade, pois utiliza o advérbio de negação para refutar qualquer questionamento ou posicionamento de sua interlocutora, ao proferir “E não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu”. O entrevistado, nesse momento, não ofende apenas a Preta Gil, mas toda a população negra brasileira, por aflorar de forma voraz o seu estereótipo racista da população negra brasileira: analfabeta, marginalizada, promiscua, ladina e preguiçosa, esta rubrica é observada uma vez que, conforme Mainguenu (2004), o outro não é um fragmento que pode ser localizado como uma citação ou uma entidade exterior e também não prescinde de uma localização por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Mainguenu (2004, p.39) salienta que o outro “encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é o momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma”, este fato possibilita o “caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso”.

Por conseguinte, pode-se desvelar que o ethos da Preta Gil, que se constitui no ato enunciativo, é a da mulher negra brasileira, estigmatizada por meio de uma memória oficial que a impossibilita mostrar a força, a coragem e sua relevância no processo de formação da sociedade brasileira, em virtude de uma construção histórica que valorizou corpo em sua organicidade, plasticidade e fisicalidade para justificar seus interesses, em detrimento do conceito de corpo que não se restringe a uma entidade biológica, mas sobretudo, como uma construção cultural, sempre ligado a visões de mundo específicas, pois as singularidades culturais são dadas também pelas posturas, pelas predisposições, pelos humores e pela manipulação de diferentes partes do corpo”. (GOMES 2011, p.11)

Por outro lado, o deputado Jair Bolsonaro, neste ato enunciativo, propugna e dissemina o racismo, alicerçado na pseudopremissa da democracia racial, que implica a população negra, na sociedade contemporânea, a ausência de liberdade de privilegiar sua condição em relação à nacionalidade brasileira, uma vez que sofre as antonímias de um racismo escamoteado, à medida que são estimulados a refutar, a desprezar a raça, ao mesmo tempo em que sofrem o racismo.

Considerações finais

Segundo Souza (1990), o negro no Brasil não nasce negro torna-se, para compreendermos essa frase, devemos ter consciência de nossos sinais diacríticos e nosso papel na sociedade para não sucumbirmos nossos valores culturais, que nos guiam e fortalecem-nos desde a diáspora e, assim, tornamo-nos negros cômicos de nosso papel e de nossa relevância para a sociedade em que vivemos.

Tal consciência é fulcral para percebermos que as relações raciais no Brasil ainda persistem no “mito da democracia racial” como uma forma de manter o silêncio de um processo de aculturação, embasado na violência, na crueldade e na desvalorização da cultura afro-brasileira para a formação da sociedade, visto que o negro é banalizado nos meios de comunicação, e além disso, a sua ausência nos espaços mediáticos para demarcar sua identidade em um país que defende a diversidade étnico-cultural. Ramos (2002, p.08) reafirma minhas inferências ponderando que “os meios de comunicação são, por assim dizer, um caso-modelo de reprodução das nossas relações raciais”.

Nesse contexto, cabe a nós – cidadãos afro-brasileiros – tomarmos consciência de que a identidade do ser negro é fragmentada, em virtude de um processo de desconstrução de nossos valores ao longo dos anos, de uma construção histórica onde se prevaleceu a voz de um único grupo- o dominante- para construção de uma identidade nacional que estivesse em conformidade com seus objetivos.

Dessa forma, pode-se ressaltar que esse artigo teve como premissa não só mostrar à sociedade brasileira do século XXI que o discurso do mito da democracia racial, produto do constructo de uma identidade nacional, ainda se faz presente no cotidiano do povo brasileiro por meio intermédio da articulação alicerçada em uma dicotomia: visibilidade versus invisibilidade do negro na mídia brasileira, mas também dar voz a quem nunca teve a oportunidade de expressá-la, com a finalidade de legitimar a relevância da cultura população negra para a formação da sociedade brasileira e, por fim, romper com o paradigma que insiste, de forma brutal e articulada coexistir: estereótipo da mulher negra no cenário da sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

- BERND, Z. *O que é negritude*. São Paulo: editora Brasiliense 1984.
- D'ADESKY, Jacques. *Racismos e antirracismos no Brasil: pluralismo étnico e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001
- FREYRE, G. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51 ed rev. São Paulo: Global, 2006.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do poder*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- GOMES, N. L. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/showprod.php?id=243>. Acesso em 10 de Out de 2011.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2004
- _____. *Racial insult in Brazil*. Discourse and society, 2003.
- LEONE, M. P; ROCHE, C. J. L; BARBIARZ, J. J. *The archaeology of Black American in recent times*. Annual Review of Anthropology #34. 2005, pp. 589,590
- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.
- MELO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1985
- MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Cadernos Penesb, Niterói, Editora da UFF, no 5, 2004. pp.15/34
- MUSSALIM, F. *Análise do Discurso*. In.: MUSSALIM, F; BENTES, A. C (orgs). *Introdução á lingüística: domínio e fronteiras*. 3 ed, São Paulo Cortez 2003 (pp.101/142).
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988, p.74
- POE, E. A. *O homem da multidão*. In.: *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. 3ª ed São Paulo: Globo, 1999.
- ROUSSEAU, N; REESE, L. T. L. *Branqueamento uma nação para civilizá-la: fragmentando o mito da raça no Brasil*. In.: VIEIRA, V.R; JOHNSON, J (orgs). *Retrato e Espelho: raça e etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos*. FEA/USP, 2009.
- RAMOS, S. *Midia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas 2002.
- SIMMEL, G. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana, vol 11, n02. Rio de Janeiro, 2005.
- SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

Notas

¹ Disponível no sítio <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/896285-fui-injustamente-agredi.shtml>

² POE, E. A. *O homem da multidão*. In: *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. 3ª ed. São Paulo: Globo, 1999.

³ Disponível no sítio <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/896285-fui-injustamente-agredi.shtml>